

Festa dos Bichos

Quando o bode era doutor
E o cachorro advogado,
Andava tudo direito;
O mundo era governado,
A justiça muito reta
Ninguém vivia enganado.

O Leão sempre foi rei
Casado com a Leão
Jacaré seu Secretario
Onça era grande pessoa
Mestre Sapo professor
Na beira de uma lagôa.

Coelho chefe do mato,
Perú era viajante . . .
O Galo, por ser tenor
Regia um café cantante
Macaco bicho do Rei
E urso rapaz amante.

O Porco era vagabundo
Passava o dia a beber
Por isso dele ninguém
Amigo queria ser . . .
De toda festa que havia

Um dia mestre Coelho
Fez uma festa no mato
Foi Cachorro e Jacaré
Gente de mais aparato
Finalmente todo bicho
Menos Porco e mestre Gato.

Rato tocava na flauta
Periquito no Rabecão
Caetité no contrabaixo
Cururú no violão
Mucuim no clarinete
E Tatú no bombardão.

O Pinto ia com os pratos
O Carneiro com o tambor
Mosquito numa rabeca
Era quasi professor
Mestre Sapo como chefe
Ia feito regedor.

Quando o Porco soube disso
Ficou injuriado
Disse ao Gato — «Vamos lá»
Que eu garanto por meu lado
Ou nós entramos na festa
Ou o baile está terminado.

O Gato disse — Eu não vou
Porque acabo apanhando
O Porco lhe respondeu
Você bem está mostrando
Ser um Gato sem coragem

O Porco: chegando lá
Queria o baile invadir
Jacaré veio e falou
Mandou o Porco sair
Como não obedeceu
Foi preciso Onça intervir.

O Urso logo zangou-se
Por a sua namorada
Que era uma Anta bonita
E estava ali bem trajada
Por um Porco vagabundo
Ser assim desrespeitada.

Botaram o Porco p'ra rua
Mas êle tornou a entrar
Ahi já era demais
Impossivel se aturar
Coelho puxou o revolver
Para no Porco atirar.

O Porco sacou da faca
Para matar ou morrer
Cotia teve um ataque
Paca queria correr
Galinha cahiu sem fala
Durinha sem se mexer.

Raposa quasi que morre
Mucura quebrou o braço
Lagartixa foi pisada
Quasi ficou em pedaço
A cabra apanhou de pau

Barata correu p'ra um canto
Não quiz a vida perder
Preguiça estava num pau
Dise: — Foi bom não descer
Kangurú disse: — O diabo
Quem não trata de correr.

Girafa, como era grande
Estava tudo apreciando
Quando viu na sua costa
Arara estava trepando
Ema disse: — «Eu vou embora»
Curuja saiu voando.

Borboleta, há muito tempo
Já tinha se escapolido
Mosca fez sua viagem
Levou piúm seu marido
Garça disse: vocês briguem
Mas não sujem o meu vestido.

Aranha estava tremendo
A Lesma morta de rir
Macaco olhou para um galho
Tratou logo de subir
Dizendo: Porco não trepa
«Aqui nunca pode vir».

Catraia gritava tanto
Que gritava a luz da lua;
Minhoca não acertava
Para que lado era a rua
Curica ficou sem pena!

Finalmente a muito custo
Botaram o Porco p'ra fora
Já tinha dado e apanhado
Por isso disse: É agora
Antes que chegue a policia
Vou tratando de ir-me embora!

Com pouco veio o elefante
Que era então o Delegado
Com o camelo seu colega
Oficial reformado
E logo atraz o cavalo
No seu papel de soldado..

Coelho ahi contou tudo
Quanto tinha acontecido
Além disso como ruim
O Porco era conhecido
De forma que o Elefante
Deu tudo por resolvido.

Levou a queixa ao Rei Leão
Tal qual havia lhe dado
Ahi foi expressa ordem
Do Porco ser procurado
Mas onde andava êle
Era o caso ignorado.

No outro dia, a Mucura
Tambem foi lá se queixar
Mostrou o braço p'ro o Rei
Que prometeu lhe vingar
Resolveram, então ir todos
O tal Porco procurar.

Foram a casa do Gato
Pois este era o seu amigo
Gato disse:—Esse sugeito
Tornou-se meu inimigo
Deu-me pancada e roubou-me
Deixou-me como mendigo.

Realmente o Gato estava
Com o corpo todo marcado
Não tinha nem um vintem
O bahu estava arrombado
E o Porco só lhe fez isto
Por não ter-lhe acompanhado.

Levaram o Gato doente
A presença do Leão,
E o Gato gemendo muito
Pedi também punição
Deste geito mestre Porco
Estava mal de informação.

Ganhava um conto de reis
Quem mestre Porco pegasse
Teria um ano de folga
O soldado que encontrasse
Fosse vivo ou fosse morto
O certo é que ao Rei levasse.

Andaram por mais de um mez
Sem saber-lhe o paradeiro
Até que um dia o acharam
Bebado num atoleiro
Querendo dar no Mucuin
Por não ser seu companheiro.

O Elefante e o Cavalo
Deram a ordem do Rei
O Porco lhes respondeu
—Eu aqui de nada sei
Eu dentro da minha casa
Não sei que diabo é lei.

O Elefante então disse
—Olhe, eu sou delegado
Aqui que eu digo faz se
Tem de ser bem respeitado
Se você não for por bem
Mando leva-lo arrastado.

Eu irei (disse o Porco)
Mas só se for carregado
Não poudes dizer mais nada
Já tinha sido amarrado
E para a casa do Rei
Sem demora foi levado.

Quando chegou estava o Leão
Sentado numa cadeira
(Ao lado estava a Leôa)
Sua fiel companheira
Vendo o Porco muito sujo
Falou-lhe desta maneira.

— «Porco imundo qual a causa
De tu seres valentão?
Bem sabes que ser valente
Pertence ao teu Rei Leão!
Tenho de ti muitas queixas
Só de ruim informação.

Formou o Leão um Jury
Para o Porco ser julgado
Foi quando este conheceu
Que o caldo está entornado
A prova que a seu favor
Nem a Porca tinha votado:

Todos queriam que o Porco
Sofresse pena ruim . .
Depois de tudo acabado
A contenda teve fim
Lavrou logo a sentença
Que foi deste geito assim:

“Como Justiça do Rei
SUA Magestade o Leão
Manda fazer avisado
Que o Porco por valentão
Foi preso e está condenado
A trinta anos de prisão”.

F I M

AGUARDEM :

DEUS LHE PAGUE

(Romance de RODOLFO)

1002 Ver Hb 1000, 1001

Rodolfo Coelho Cavalcante

Caixa Postal 425

SALVADOR - BAHIA

Folhetos e Jornais de Modinhas

SEUS AGENTES:

Aracajú—Sergipe

Marcelino Bitencourt

Rua Japaratuba, 737



RODOLFO

Maceió — Alagoas

Manoel Caldas Neto

Rua do Comercio, 304

Ilheus - Bahia

JOSÉ CAETANO

Rua Sete de Setembro—Padarias Duas Americas

Jacobina - Bahia

MANOEL PEIXOTO e MINELVINO FRANCISCO SILVA

Rua da Frente (Serrinha) N. 1

LEIA OS LIVROS DE RODOLFO CAVALCANTE
